

a voz do Trabalhador



ORGÃO DA UNIÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES ANGOLANOS Preço 2\$50

Editorial

AS FORÇAS PROGRESSISTAS DE TODO O MUNDO APOIAM A LUTA DO POVO ANGOLANO

Torna-se cada vez mais claro que a participação activa e consciente das massas trabalhadoras, é indispensável para levar totalmente à prática a palavra de ordem das forças progressistas: «Resistência Popular Generalizada».

As forças inimigas das classes trabalhadoras angolanas, as forças imperialistas, aumentam a sua escalada agressiva contra a Pátria angolana. As forças militares do regime racista e imperialista da República da África do Sul, invadem o território angolano, com o objectivo de impedirem a libertação total de todo o nosso País.

As forças reaccionárias do nosso País, estão as forças imperialistas e reaccionárias de todo o mundo, isto é, todos os inimigos das classes trabalhadoras.

Mas nós, trabalhadores angolanos, não estamos sozinhos na nossa luta contra o imperialismo. Quer nos nossos combates contra as forças inimigas do nosso Povo, quer nas difíceis tarefas da reconstrução nacional nós podemos e devemos contar com o apoio dos países amigos, com o apoio dos países socialistas que sempre estiveram solidários conosco, que sempre foram nossos amigos, desde o início da luta de libertação nacional.

Dia a dia cresce, por todo o mundo, a onda de solidariedade para com a luta heroica do nosso Povo. Desde as grandes manifestações às grandes reuniões internacionais, como por exemplo a recente Conferência dos países não-alinhados, vai-se tornando cada vez mais claro e inequívoco o total apoio das forças e países progressistas, das forças e países amantes da paz e liberdade. A luta do nosso Povo, contra a agressão imperialista.



Intervenção do Secretário-Geral da UNTA, Pascoal Luvualu,

NA 25.ª SESSÃO ORDINÁRIA DO COMITÉ DE COORDENAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DE ÁFRICA, REALIZADA EM RABAT, EM JUNHO DE 1975

SUMÁRIO:

- Intervenção do Secretário Geral da UNTA, Pascoal Luvualu, pág. 1 e 2
- Os Países Não-Alinhados e o Anti-Imperialismo, pág. 3
- A Luta dos Trabalhadores, páginas centrais
- Os Lavradores de Viana, põem os seus problemas, pág. 6
- A Luta dos Trabalhadores do Caminho de Ferro de Benguela, pág. 7
- Cultura Popular, pág. 8

Senhor Presidente,
Honoráveis Delegados,
Camaradas Combatentes:

Atendendo que é a primeira vez que eu tomo a palavra, queria primeiro de tudo, apresentar as minhas felicitações ao Ministro dos Negócios Estrangeiros do Reino de Marrocos pela sua eleição a presidente da vigésima quinta Sessão Ordinária do Comité de Coordenação para a libertação de África.

Eu estou convencido de que pelas suas qualidades de homem de Estado eminente que pelas suas ricas experiências, levará ao sucesso, o que esperamos, todos os que estão aqui presentes.

Eu queria igualmente exprimir em nome da minha delegação, os meus sinceros agradecimentos e a nossa profunda gratidão ao Governo, ao povo e a sua Majestade o Rei Hassan II, pelo acolhimento fraternal e a hospitalidade generosa de que a nossa delegação foi objecto.

O povo angolano tem um grande tributo a pagar ao Governo e ao povo de Marrocos. Porque foi nesse país que nós fizemos a unidade de combate criando o «C.O.N.C.P.» — Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas, cujo objectivo era a generalização da luta armada nas três colónias portuguesas. Isto aconteceu

(Continua na pág. 2)

INTERVENÇÃO DO SECRETÁRIO-GERAL DA UNTA, PASCOAL LUVUALU,

precisamente em Abril de 1961. Mas, conhecendo o papel que Marrocos teve e continua a ter na libertação de África, eu estou convencido, Senhor Presidente, que o povo marroquino e o seu Governo continuarão a ajudar-nos até à vitória final.

Senhor Presidente, a situação presente no nosso País é muito grave. Isto é devido à ingerência exterior de certos Estados Africanos em coalisção com potências ocidentais e os Estados Unidos, assim como com as sociedades multinacionais. Uns querem impor ao povo angolano um regime que salvaguardaria os seus interesses, outros falam de um regime que garantiria a sua segurança. Isto trata-se de uma luta fomentada do exterior pelos inimigos do povo angolano, de acordo com a reacção interna.

No que diz respeito ao problema de Cabinda, Senhor Presidente, eu já o tinha sublinhado em Dar-es-Salaam, depois da reunião da Comissão Permanente da Defesa.

Antes da chegada dos colonizadores brancos a África, existia um poderoso reino, denominado Reino do Congo. O Reino do Congo, cuja sede era em São Salvador em Angola, estendia-se do Rio Cuanza ao sul de Luanda capital de Angola, até ao rio Kwango ao Congo (Zaire), do rio Kwango até ao rio Kasai, onde desagua no rio Congo hoje chamado rio Zaire. A fronteira atravessa o Reino de Makoko a Ngabe até ao rio Kulu que forma a fronteira com o Congo Brazzaville e Gabão. Portanto, isso de dizer que o povo angolano e o povo de Cabinda nunca tiveram uma história em comum, mas apenas um passado colonial, é absolutamente falso. O povo Mukongo de Angola, do baixo-Zaire de Cabinda, do médio Congo e do Kwango-Kwilu, nós (formamos um só reino) formávamos um só reino e tínhamos um passado e uma história em comum.

A actual cidade de Kinshasa chamava-se Mpumbu, e era capital de uma das províncias do reino do Congo, Mbanga-Nsundi no baixo Zaire era a maior província governada pelos filhos do Rei do Congo. Mbanza-Nsundi era capital de uma das províncias do Reino do Congo, província de Mpangu, de Mbanda de Yaka e de pequenos reinos autónomos que pagavam tributos ao Reino do Congo: tal como o Reino de Ngola. O Reino tinha uma constituição federativa.

Os traços sobre Cabinda:

1.º — A convenção de Madrid de (1986) reafirmou que Cabinda era parte integrante de Angola.

2.º — Os acordos de Chinfume (1883), de Cais (1884), de Moanda (1884) e finalmente o de Simulam-buku (1885) não são mais do que acordos que caracterizam as relações entre Senhores e Escravos. Todos estes acordos de natureza esclavagista e outros que se seguiram perderam os seus efeitos depois da Conferência de Berlim.

A decisão de África (1885) e a posição do Congo que não tinha saída para o mar, fez que uma parte do território angolano, especialmente Matadi, Boma, Moanda e Banana, toda esta região fosse dada por simples combinação entre os colonialistas portugueses e belgas ao Rei Léopold. Porque Stanley dizia: um Congo no coração de África sem saída para o mar é um Congo perdido e sem futuro. Isto explica pois, a separação física de Cabinda de Angola, ou melhor ainda como diziam os nossos pais, a separação de Fieti de Cunene, donde o aparecimento do nome de enclave de Cabinda.

Muitos dos territórios que o Zaire ocupa são territórios angolanos. Se se pedisse aos Bakongos do Baixo-Zaire, para se pronunciarem, 80 por cento se pronunciariam como pertencentes a Angola, seu berço de origem e aonde eles têm os seus antepassados. Mas Angola não tem reivindicações a fazer.

No que diz respeito a integridade territorial do nosso país, o povo angolano não cederá uma única parcela do seu território e ele está determinado a defender a sua integridade territorial até à última gota de sangue.

Nós combatemos juntos, não havia angolanos originários de Cabinda, que se recusassem a combater em Angola e como não havia angolanos de outros distritos que tivessem recusado a lutar em Cabinda. Pessoalmente, eu vi tombar os melhores filhos de Angola, do povo de Angola do distrito de Cabinda nas frentes de combate, tal como os comandantes: Spencer, Fath e Windi para não citar outros mais.

Alguns vão ao ponto de inventar que Cabinda é um protectorado do mesmo modo que Rwanda e Burundi aos quais foi dada a independência através de referendo. Isto não é verdade. O Congo era uma colónia governada pelo governador General residente em Kinshasa. Enquanto que Rwanda é título de um sub-Governador, depois da independência do Congo ex-belga, pediram ao povo do Ruwanda e do Burundi se eles queriam um só Estado. Mas, dado que os dois territórios formam duas entidades distintas eles se pronunciaram por dois Estados separados. Era trabalho dos belgas e da Organização das Nações Unidas e não dos congolezes.

Os que pedem a secessão de Cabinda porque se separa de Angola 65 quilómetros, porque é que não pedem eles aos Estados Unidos da América que se retirem do Alasca que se encontra a mais quilómetros de distância dos Estados Unidos? Não se fala de Bangladesh. É prática que demonstrou que o povo do Bangladesh era explorado pelo Paquistão. Mas que prova têm eles contra nós? Quanto a dizer que o MPLA combateu em Cabinda contra a vontade do povo deste distrito, é um disparate. As dificuldades foram causadas por Alexandre Tati que desertou do FNLA, corrompido pelos portugueses, ele formou um exército de mercenários para combater o MPLA. Depois de 1964 o MPLA lutou sempre em Cabinda, e até (agora) 25 de Abril.

Quanto à solução aos acontecimentos que se desenrolam no nosso país, nós formulamos as recomendações que se seguem e que poderão constituir uma resolução:

1 — Pedir aos países limítrofes ou aos países africanos, tanto uns como outros, suplicar-lhes para porem fim à sua ingerência nas questões angolanas.

2 — Assegurar o respeito restrito à integridade territorial de Angola.

3 — Pedir aos países limítrofes de não manter os centros de tensão nos seus territórios cujo objectivo é de sabotar o bom andamento de Angola á sua independência.

4 — A formação de um exército e uma polícia unidas em Angola.

5 — O problema Angolano não diz respeito a não ser aos angolanos, e eles estão à altura de os resolver. Tudo o que eles querem é que o estrangeiro não meta a mão a Angola.

Obrigado, Senhor Presidente, honoráveis delegados e camaradas combatentes pela atenção com que assistiram à nossa alocução.

OS PAÍSES NÃO ALINHADOS E O ANTI-IMPERIALISMO

Para conhecimento dos Trabalhadores Angolanos dos princípios políticos dos países não-alinhados, publicamos os dados compilados da revista «Solidariedade», órgão oficial da OSPAA e do Discurso de Fidel Castro, pronunciado na Reunião dos Países Não-Alinhados, em Argel, no ano de 1973.

BANDUNG E O SEU SIGNIFICADO HISTÓRICO

Foi há vinte anos atrás, de 18 a 24 de Abril de 1955, que pela 1.ª vez na história 29 Estados soberanos da África e da Ásia se reuniram numa Conferência, que teve lugar em Bandung.

Esta foi promovida por cinco países: A Índia, o Sri Lanka, a Indonésia, o Paquistão e a Birmânia. As delegações dos países participantes eram chefiadas pelos Primeiros Ministros e pelos Ministros dos Negócios Estrangeiros dos respectivos países.

A Conferência celebrou-se dez anos após a derrota do fascismo hitleriano e do Japão militarista, numa altura em que novas condições foram criadas para as forças revolucionárias: a formação de um sistema socialista em consequência da crise mundial do capitalismo; a desintegração do sistema colonial criado pelo imperialismo; o aparecimento de novos países independentes na África e na Ásia, e o desenvolvimento dos movimentos de libertação nacionais, que adquiriram uma força decisiva.

Desta nova situação e do facto do imperialismo manter em grande medida toda a sua agressividade para conservar sob o seu domínio os povos dos vários continentes, resultaram os seguintes princípios que regeriam as relações internacionais entre os Estados, declarados no comunicado final da Conferência de Bandung:

1. Respeito dos direitos fundamentais do homem e dos objectivos e princípios da Carta das Nações Unidas;
2. Respeito da soberania e integridade territorial de todas as nações;
3. Reconhecimento da igualdade de todas as raças e de todas as nações, grandes e pequenas;
4. Abstenção de toda a intervenção ou ingerência nos assuntos internos dos outros países;
5. Respeito do direito de cada nação se defender isolada ou colectivamente, em conformidade com a Carta das Nações Unidas;
6. a) Abstenção do recurso a acordos de defesa colectiva para servir os interesses particulares de uma das grandes potências; b) Todo o País deve abster-se de exercer pressão sobre os outros países;
7. Abster-se de dirigir actos ou ameaças de agressão ou de recorrer à força contra a integridade territorial ou independência política de qualquer país;
8. Regularização de todos os conflitos internacionais por meios pacíficos tais como negociações, conciliação, arbitragem ou a

regularização judicial, assim como por outros meios pacíficos conhecidos pela parte interessada, em conformidade com a Carta das Nações Unidas;- 9. Promoção dos interesses e cooperação mútua;
- 10. Respeito da justiça e das obrigações internacionais.

A Conferência de Bandung contribuiu grandemente para a elaboração dos princípios que regeriam as relações internacionais do pós-guerra.

Ela constituiu umas das primeiras reuniões dos países africanos e asiáticos recentemente independentes, reflectindo o desejo dos povos daqueles dois continentes de desencadear uma acção conjunta contra o colonialismo, o neocolonialismo e o imperialismo, pelo progresso social e reforço da soberania nacional de todos os países independentes da África e da Ásia.

Ela foi, em certa medida, a reacção das nações e dos governos daquelas duas regiões do mundo à política neocolonialista dos países imperialistas que procuravam levantar os países uns contra outros, semear a divisão e a hostilidade entre eles através da criação de blocos militares agressivos e círculos fechados, como a NATO, a CENTO e o SEATO, esta última recentemente dissolvida.

Esta Assembleia histórica desempenhava um papel de grande importância na crescente consolidação das forças e dos movimentos de libertação nacional, no reforço da unidade de todos os correntes do processo revolucionário mundial, isto é, o sistema socialista mundial, a classe operária internacional e o movimento de libertação nacional, onde são incluídos os jovens Estados independentes progressistas.

Deste modo, o «espírito de Bandung» tornou-se sinónimo do espírito dos povos da Ásia e da África na luta contra o imperialismo, pelo reforço da independência política e pela transformação económica e social.

POR UMA AMPLA FRENTE ANTI-IMPERIALISTA

A Revolução de Outubro, a derrota do fascismo alemão e do militarismo japonês durante a 2.ª Guerra Mundial que levou à desintegração do sistema colonial, a Revolução Chinesa, o rápido afundamento dos impérios coloniais da Grã-Bretanha, da França e de outros países, as vitórias dos povos que conquistaram a sua independência, desembaraçando-se da ocupação estrangeira

de que eram vítimas e o início da marcha vitoriosa dos povos da África e da Ásia para a liberdade, mudaram a carta do mundo.

Nações afro-asiáticas passaram a tomar o seu destino nas próprias mãos, pondo fim à época em que os imperialistas podiam ditar a sua vontade aos povos, e em que estes eram considerados apenas como uma peça no quadro da política colonial.

No decurso dos últimos vinte anos, desde Bandung, o imperialismo mundial e as forças reacionárias sofreram pesadas derrotas enquanto tiveram lugar profundas transformações económicas e sociais na arena internacional, em benefício da libertação nacional dos jovens Estados em desenvolvimento.

Nesse período, o socialismo torna-se um factor decisivo do desenvolvimento social mundial, afunda-se o sistema económico do imperialismo e o capitalismo conhece hoje crise cada vez mais profundas, sendo obrigado a recorrer aos crimes mais bárbaros para manter a sua dominação e exploração sobre os povos.

Contudo, o movimento de libertação nacional resistiu a todas as violências, adquirindo cada vez maior força e obrigando o imperialismo a recuar definitivamente. Por seu lado, a Frente Mundial contra o imperialismo, o colonialismo e o racismo adquiriu maior vigor e influência poderosamente a situação internacional.

A universalidade da dominação e exploração imperialista corresponde e tem de corresponder cada vez mais a universalidade da luta anti-imperialista.

No seio dos países não-alinhados, todavia, nem todas as posições são uniformes, existindo uma profunda luta ideológica.

A infiltração de agentes do imperialismo no movimento não-alinhado faz com que alguns dos seus membros se façam porta-vozes ou se deixem influenciar pelas ideologias propagadas pelos meios imperialistas que tentam por fim confundir, dividir e desviar do seu objectivo fundamental — pôr fim à dominação imperialista — os povos da África, Ásia e América Latina, e impedir o seu enquadramento no processo revolucionário mundial.

A mais divulgada destas «teses» pretenderia isolar os países não-alinhados das outras componentes da Revolução Mundial, em particular dos países socialistas. Segundo ela, estes países constituiriam um chamado «Terceiro Mundo», fora e acima da com-

unicação histórica entre os dois sistemas, o capitalista e o socialista, da luta de classes no plano internacional.

Mas, como afirmou o Presidente tanzaniano Julius Nyerere em 1970, na Conferência preliminar dos não-alinhados «o não-alinhamento tornou-se um factor importante para travar a guerra, um factor de desanviamiento internacional».

Por seu lado, Fidel Castro, Primeiro-Ministro cubano, referindo-se às manobras imperialistas de tentar colocar o movimento não-alinhado contra o campo socialista, declarou em 1973, em Argel, na Conferência dos Chefes de Estado e dos Governos dos países não-alinhados:

«No campo político tem havido uma tendência nítida, durante os meses de preparação desta Conferência, que vai inquestionavelmente contra a nossa causa, servindo apenas os interesses imperialistas, esforçando-se por apoiar os países não-alinhados contra o campo socialista».

Noutro passo, o Secretário Geral do P. C. cubano, salientou:

«Tem-se falado muito nesta Conferência sobre as diferentes maneiras de dividir o mundo. Para a nossa maneira de pensar, o mundo está dividido em países capitalistas e socialistas, países imperialistas e neocolonialistas, países colonialistas e colonizados, países reacionários e progressistas — em suma, Governos que apoiam o imperialismo, o colonialismo, o neocolonialismo e o racismo, e os Governos que se opõem a isso. Isto parece-nos ser básico no problema do não-alinhamento e alinhamento, porque nada nos dividirá de algum modo, da nossa obrigação central de firmemente lutar contra os crimes cometidos contra a Humanidade».

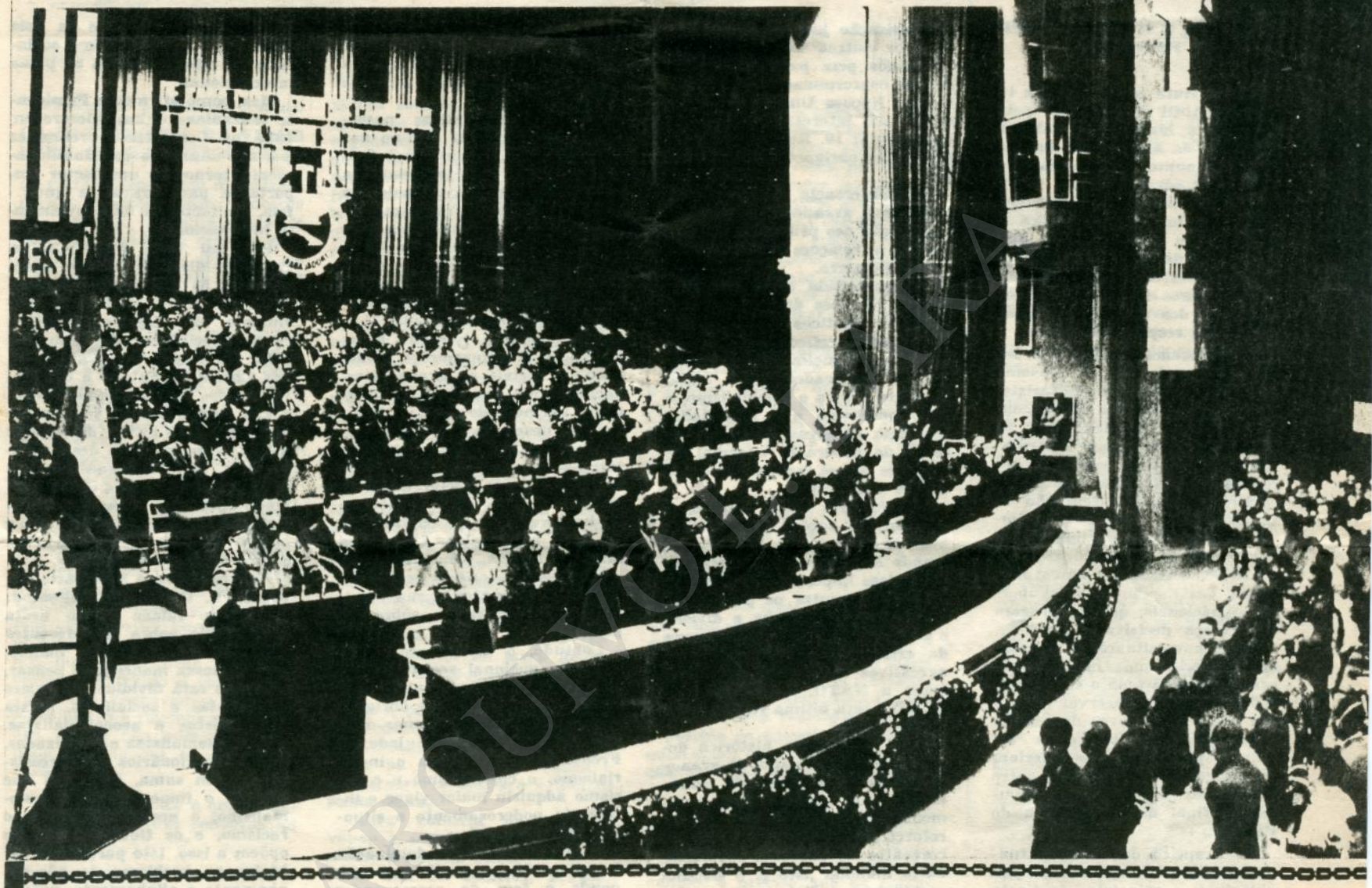
Numa altura em que a crise do imperialismo se torna cada vez mais aguda, em que os seus fracassos se sucedem uns aos outros em todos os continentes, a reacção internacional concentra todos os seus esforços no sentido de dividir os três componentes do movimento revolucionário mundial, tentando impedir que as forças que o combatem constituam uma ampla frente anti-imperialista, englobando todas as forças democráticas e progressistas.

Esta frente corresponde às necessidades actuais de luta dos povos da África, da Ásia e América Latina, pela libertação nacional, pelo progresso social e pela Paz, contra o colonialismo, o imperialismo, o neocolonialismo e o racismo.

A LUTA DOS TE

OS PAÍSES NÃO ALINHADOS E O ANTI-IMPERIALISMO

Para conhecimento dos Trabalhadores Angolanos dos princípios políticos dos países não-alinhados, publicamos os dados compilados da revista «Solidariedade», órgão oficial da OSPAA e do Discurso de Fidel Castro, pronunciado na Reunião dos Países Não-Alinhados, em Argel, no ano de 1973.



OS LAVRADORES DE VIANA PÕEM OS SEUS PROBLEMAS

Problemas que se arrastavam no tempo colonial sem ninguém lhes pôr a mão.

Ao abrir esta reunião falou o camarada Van-Dúncua, da UNTA: «O que nos trouxe aqui como os camaradas já sabem foi da vossa reclamação que fizemos à UNTA. Portanto os camaradas poderão falar sobre as dificuldades que encontram nas vossas lavras.

Seguidamente falou um camarada lavrador:

— Ora camaradas o que nos levou lá, foi por causa dos nossos terrenos que a CAOP comprou e que ainda não nos pagou, e portanto nós como não sabemos quase nada, fizemos uma comissão para irmos ter com a UNTA, para nos ajudar.

Ora camaradas, fomos explicar-lhes como estavam os nossos terrenos. Nós primeiro estivemos no Muqueque Terra Nova, cada um tinha o seu terreno e fazia a sua casa. Mas a CAOP quando os brancos vinham comprar os terrenos, nos mandavam partir as nossas casas e nós tínhamos que sair dali e mudar para o outro sítio. Quando reclamávamos, os brancos diziam que não tinham nada a ver com isso, porque eles compraram os terrenos e que nós fôssemos falar lá

(Continua na página 6)

OS TRABALHADORES DA FÁBRICA «HED» REFORÇAM A VIGILÂNCIA

Camaradas, os capitalistas continuam a sabotar a nossa economia deixando ao abandono centenas de trabalhadores. Continuando a sugar-nos de todas as formas num desespero de quem está a afogar-se para depois fugirem derrotados. Temos mais um exemplo na Fábrica de Borracha «HED» onde os trabalhadores provam que não têm medo das ameaças reaccionárias. A fuga da entidade patronal para o Brasil vem mais uma vez demonstrar que temos de reforçar a vigilância e estar organizados.

Camaradas, não acreditem nas justificações que o patrão apresenta para fechar as nossas fábricas. Tomem conta delas.

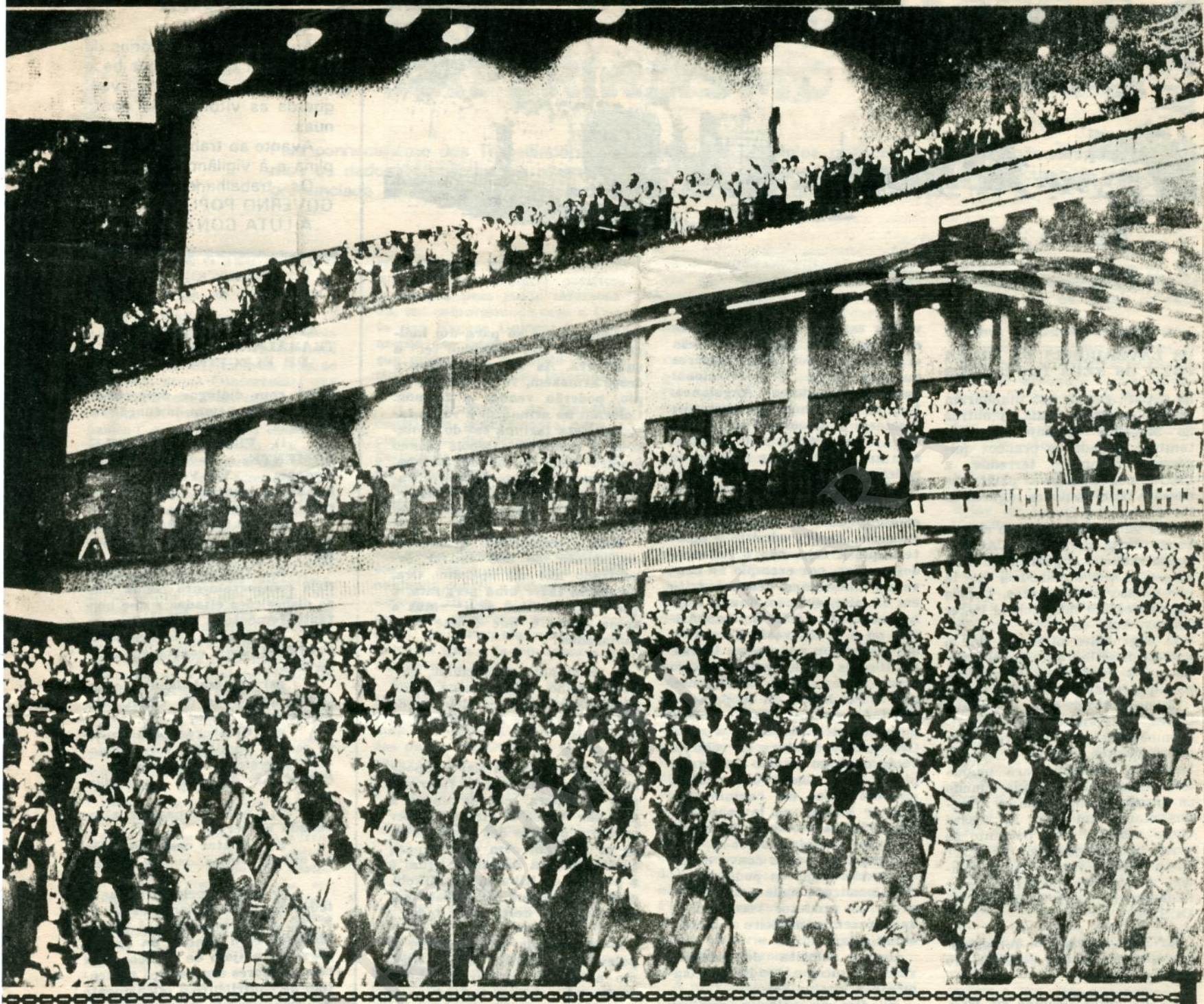
Os trabalhadores da Fábrica de Borracha «HED» estão ao vosso lado para cerrar fileiras na reconstrução nacional.

(Continua na página 6)

APELO DA COMISSÃO DA JUNTA DE E

- a) Todo o trabalhador que «PRODUZIR E GARANTIR O PAÍS»;
- b) Todo o trabalhador próprios interesses, os interesses são os interesses da Nação;
- c) Todo o trabalhador no seu sector (serviço, secção função distribuída;
- d) Todo o trabalhador desempenha um modo de conduta do País e não sentir-se deprimido situações conduzem invariavelmente;
- e) Deve reconhecer no chefe apenas um «CAMARADA» cura do mesmo modo dar o seu vimento do nosso País;
- f) Comparecer no local;
- g) Evitar por todos os;
- h) Evitar a quebra do

ABALHADORES



DE TRABALHADORES LECTRIFICAÇÃO

deverá ganhar consciência de
IR A SOBREVIVÊNCIA DO

deve colocar acima dos seus
desta Junta, porque estes

deve criar em si a autonomia
com responsabilidade na

deve «VER» na função que
tribuir para o desenvolvimento
do ou complexo; pois estas
mente a ambições desmedidas;
Camaradas com funções de
«A DE TRABALHO» que pro-
u contributo para o desenvol-

de serviço à hora estabele-
meios dar faltas no serviço;
serviço a desenvolver, distraim-

OS CAMPONESES E O ROUBO DAS SUAS TERRAS

Os camponeses angolanos, foram um alvo da
cobiça exploradora dos colonos, protegidos por uma lei
e um governo fantoches. Antigamente, quando os colo-
nos comerciantes descobrissem terrenos, onde existiam
propriedades do povo bem cultivadas, logo tratavam de
apoderar-se dessas propriedades, com a ajuda dos
administradores, lacaios do capitalismo. Então, o colono
ia requerer um terreno baldio, quer dizer: mata sem
lono. Depois de requerer, o administrador dizia assim:
agora vamos esperar 90 dias, a ver se algum indígena
vem aqui reclamar. Enquanto aguardam pelos 90 dias,
o colono vai colocar uma tabuletas, muito afastadas da
lavra dos nativos, mas de forma que as mesmas lavras
fiquem cercadas pelas tabuletas. Se alguém pergun-
tasse por aquelas tabuletas, ele dizia que não assustas-
se porque o seu objectivo é aproveitar terras baldias,
para as cultivar, sem prejudicar ninguém. Mas, como

(Continua na página 7)

INQUÉRITO NA «SOFANCO»

Por uma equipa da «Voz do Trabalhador» foi efectuado
no dia 15 de Setembro de 1975 um breve inquérito, com três
elementos da Comissão dos Trabalhadores da «SOFANCO»,
que a seguir reproduzimos:

«Voz do Trabalhador» — Quais são as tarefas que tem
tido esta Comissão das quais os Camaradas fazem parte?

Comissão dos Trabalhadores — As tarefas têm sido
muito importantes. Há aqui trabalhadores indisciplinados
que se tem de andar de um lado para o outro para que
trabalhem nos seus postos.

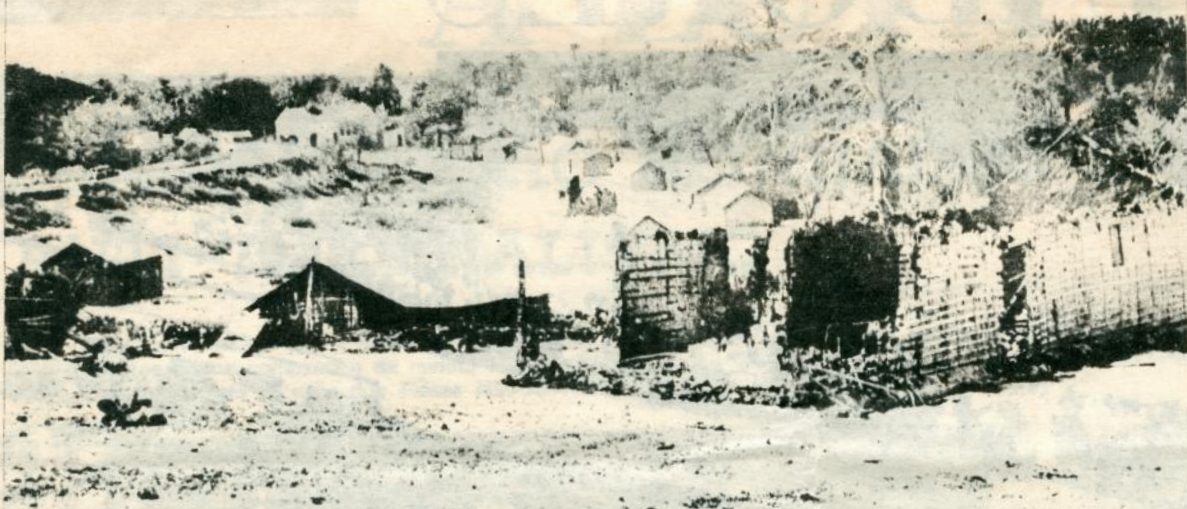
V. T. — Quais as dificuldades que tem tido a Comissão?

C. T. — É que há certos agitadores nesta Fábrica que
ameaçam os Camaradas da Comissão de lhes baterem.

V. T. — Quantas Comissões já houve?

C. T. — Esta é a segunda Comissão, logo após o 25 de
Abril. A outra Comissão não foi eleita democraticamente
pelos trabalhadores, era composta por 12 elementos que não

(Continua na página 7)



(Continuação das páginas centrais)

OS LAVRADORES DE VIANA POEM OS SEUS PROBLEMAS

na CAOP. Depois nos mandaram para o Muçequê Baía, e outros no Muçequê Malanje, mas aí também quando os brancos quizessem comprar terrenos a CAOP nos mandava partir as casas e tirar daqueles lugares as lavras.

Nós vimos que isso não estava bem, fomos lá ter na CAOP e encontramos o engenheiro e falamos com ele, e disse-nos que ia pôr o caso nos gerentes. Depois esperamos um mês, fomos lá ter tie novo com ele.

O engenheiro disse-nos que o patrão disse-lhe que ele não podia fazer nada e que nós tínhamos que ir falar com o Estado.

Fomos lá ter com o Estado, e eles, disseram-nos para nós ficarmos com as terras e pagávamos impostos. Mas às vezes não tínhamos dinheiro para pagarmos os impostos, porque quando os brancos compravam os terrenos mandavam tirar as nossas casas e as lavras e portanto às vezes não chegávamos de fazer as colheitas e ficamos prejudicados, e nós não podíamos falar nada, porque era no tempo da DGS.

UNTA — Quanto é que os camaradas tiram das colheitas no fim do ano?

— As vezes tiramos 60, 90 a 120 contos por ano, mas isto conforme os terrenos, porque uns têm 1 000, 2 000, 800 metros e também depende das chuvas e das nossas forças. Portanto eles não pagaram a todos os lavradores, só pagaram a alguns. Eu só me pagaram 750\$00 tinham uma lavra grande, os outros estiveram no mesmo sítio receberam o mesmo dinheiro. Depois o engenheiro nos disse para vocês não perderem assim, é melhor comprarem o terreno na CAOP, e os que tiveram 10 a 20 contos compraram e os outros não compraram porque não tinham dinheiro. Portanto, vamos ultrapassar a CAOP, aqui não há propriedades privadas da CAOP.

UNTA — Vamos organizar aqui em Viana uma cooperativa e que terá o nome de cooperativa dos lavradores de Viana. Esta lavra será para todos. Além da vossa lavra que vocês têm, terão que formar uma só comissão em que estão só os lavradores e há uma comissão das reclamações de Kikuchi e nós vamos e nós

vamos estudar a maneira desta comissão ficar ligada à nossa organização dos trabalhadores que é a UNTA, União Nacional dos Trabalhadores Angolanos. Não há problemas de tractores; tractores já temos e é só vir técnicos e escolherem o local, fazem um estudo desta «quinta de pedras» se dá para couve, cenoura, repolho ou tomate e batata.

Eu queria falar sobre a lavra comum, que é a cooperativa por exemplo. Vamos admitir a hipótese que a rega não é feita todos os dias, por exemplo na couve, no tomate e na cenoura, feito em dia sim, dia não. Ora, a rega normalmente é feita de manhãzinha ou à tarde, vocês durante o dia trabalham nas vossas lavras, no fim da tarde que é preciso fazer a rega toda essa gente, que estão dentro da cooperativa vão todos de uma vez e cada um num canteiro vão fazer a rega. Ora quando é altura da colheita vocês prestam serviço por exemplo hoje na sua própria lavra, amanhã todos em comum vão prestar serviço na lavra de todos. Não há problema de transporte e isso tudo resolve-se, vem o carro, busca-se a couve e vai-se vender onde se pode. Há j. sítio localizado onde possam fornecer os produtos recolhidos e dali trazem o dinheiro e metem numa caixa.

Outra colheita de cenoura, vai-se à mesma venda, precisamente a mesma coisa.

No fim da colheita, acabou. Ficou a preparar o terreno para outra sementeira. Esse dinheiro da venda paga-se a despesa, por exemplo a manutenção de máquinas como o gasóleo e as sementes que se comprou. A parte que sobrar é dividida por todos que trabalharam na lavra, além daquilo que você produz na sua lavra própria.

O objectivo é esse. E isso depois dá lugar com que por exemplo haja aqui também uma cantina de abastecimento de géneros.

Isso com o vosso próprio esforço, porque desse lucro que vocês vão ter dá para construir uma loja, um armazém, desses armazéns que não falta fuba, arroz, açúcar, azeite, não falta nada. Esse esforço é vosso, tudo está ali. Você chega lá não é só buscar, vai comprar na mesma; mas não é um preço caro, vai comprar um preço normal. Ora o dinheiro que dali também sair não é para outra pessoa, é mesmo para vocês. O objectivo de uma coisa de cooperativa é assim, todos servirem para o bem

de todos não é só para um indivíduo. Para um indivíduo tem a sua lavra. As vezes, até dentro deste armazém, vocês, por exemplo, poderão vender a farinha. Colocam no armazém a vossa farinha. Esta farinha sai do armazém, é vendida. Depois fulano vendeu cinco sacos de farinha, tem direito a tanto dinheiro. Parece que estão a ver bem o objectivo de se organizar uma cooperativa.

Todo o trabalhador deve estar organizado, se não estiver organizado não dá nenhum. Ora, eu queria fazer uma pergunta, o que é que colhem aqui? Mas a vossa lavra o que é que tem, camaradas?

— A mandioca, macunde, ginguba, milho. Batata doce ainda não experimentamos, demais, de toda a terra que nós temos é só mandioca.

UNTA — Agora isso não pode ser. Nós conversamos e ficar um mês à espera, porque daqui a dias nós vamos cá vir para saber qual é a posição dos camaradas; se já falaram com outros para começarmos a trabalhar. Qual é a posição de Kikuchi? O Kikuchi, quer dizer, é que faz a distribuição da água nesta zona toda.

— Camarada não esquecer a palavra de ordem, é preciso mesmo a UNTA apertar a CAOP, senão não vamos ter água no campo, é preciso que os camaradas escolham os cinco elementos que fazem parte da comissão que vão representar os trabalhadores agrícolas de Viana, para quando houver um problema para expor, esta comissão vai à UNTA ou chama a UNTA para cá.

UNTA — A comissão provisória terá que ter um presidente, um vice-presidente e três vogais. O vice-presidente fará a vez de secretário, portanto tem de saber escrever. Quanto aos aviários, primeiro tem de nascer a parte agrícola, porque daquilo que não for aproveitado para alimentação servirá para alimentação dos animais. Por exemplo, normalmente alimentamos o porco com casca de mandioca, quando também damos de comer a uma galinha é preciso que tenhamos milho. Vamos preparar a parte agrícola e logo a seguir será a parte animal, que é para depois não termos animais a passar fome, porque não sabemos onde irmos buscar de comer para eles

Viana, 24 de Agosto de 1975

(Continuação das páginas centrais)

OS TRABALHADORES DA FABRICA DE BORRACHA «HED» REFORÇAM A VIGILANCIA

Aumentemos as vitórias da retaguarda que têm por base a economia, pois que na vanguarda as vitórias são contínuas.

Avante ao trabalho, à disciplina e à vigilância.

Os trabalhadores exigem GOVERNO POPULAR.
A LUTA CONTINUA.

(Continuação das páginas centrais)

APELO DA COMISSÃO DE TRABALHADORES DA JUNTA DE ELECTRIFICAÇÃO

do-se com diálogos desnecessários, que não sejam da função incumbida;

l) Eliminar «COMPLETAMENTE» o movimento de deslocações — «Vai-Vem» — a caminho da cantina, das pastelarias, bares próximos, etc.;

Evitar tanto quanto possível abandonar o local de trabalho;

k) Criticar o Camarada cujo comportamento colida com as disposições citadas e que portanto fomenta a indisciplina;

l) Acatar a crítica justa e exercer uma constante auto-crítica;

m) O trabalhador consciente, prescinde da «FISCALIZAÇÃO» do chefe;

n) Colaborar prontamente com a Comissão, fornecendo-lhe sugestões, enviando-lhe a crítica ao detectar anomalias, etc.;

o) Não comparecer alcoolizado ao serviço;

p) Acatar com prontidão as ordens dimanadas da chefia.

O nosso apelo dirige-se a todos os trabalhadores da J. P. E. A., e em especial aos trabalhadores com função de chefia, para que exijam de si e dos seus colaboradores um esforço no sentido de contribuírem eficazmente na manutenção da disciplina e, assim, corresponderem na prática à justa palavra de ordem: «PRODUZIR É RESISTIR».

Produção, Vigilância e Disciplina = A Resistência Popular Generalizada.

A COMISSÃO

CAMARADA:

Colabora no teu Jornal. Escreve para ele. Envia as tuas opiniões sobre a nossa luta contra a exploração do homem pelo homem.

TRABALHADOR:

Ouve o teu programa «A Voz do Trabalhador» na Emissora Oficial, às terças e quintas, pelas 19.30 horas; aos sábados, pelas 15.00 horas; aos domingos, pelas 08.30 horas. Também ali queremos a tua voz.

OS CAMPONESES E O ROUBO DAS SUAS TERRAS

o povo não estava esclarecido, ninguém ia fazer a reclamação ao administrador, e assim, depois de passar os 90 dias, então o comerciante ia receber a autorização para ocupar o terreno. Quando ele voltava, recrutava imediatamente um grupo de serventes para abrir picadas que iam fazer uma ligação entre as tabuletas todas, cercando as propriedades do povo. Depois disso, ele mostrava então o documento de posse do terreno, e dizia para o povo: Olhem, eu requeri este terreno, e vocês não foram reclamar; por isso como as vossas lavras estão no meio do meu terreno, vocês têm duas coisas a escolher: ou me vendem as lavras para não perderem tudo, ou têm que sair porque estão no meio da minha propriedade. E daí, se os camponeses protestassem e quizessem afrontá-lo, ele então ia ao administrador pedir uma equipa de cipaios, para castigarem os camponeses e expulsando-os dos seus terrenos. É por este processo e muitos outros semelhantes a estes que os comerciantes chegaram a possuir grandes Fazendas. Só com um governo que defenda o povo trabalhador se acabarão com estas e outras injustiças.

Os trabalhadores exigem Governo Popular.

A Luta Continua.

NOTÍCIAS

DIVERSAS

— A intervenção militar americana em Angola clarifica-se cada vez mais. Segundo diplomatas ocidentais que acabam de deixar Luanda, importantes quantidades de material de guerra americano chegaram nas últimas semanas à FNLA de Holden Roberto. Grandes aviões de transporte de armas e munições partiram de bases americanas na Alemanha Ocidental e aterraram em aeroportos do Norte de Angola ocupados actualmente pelas tropas de Holden.

— Mobutu acaba de acordar novas subvenções aos jornalistas ocidentais que se pretendem especialistas em problemas africanos e cujos artigos e reportagens favoreçam a sua política hegemónica em Angola assim como os dois movimentos apadrinhados pela CIA e pelos interesses neo-colonialistas: a FNLA e a UNITA. Aguarda-se geralmente que estes jornalistas redobrem os seus esforços para apresentarem estes últimos como autênticos movimentos de libertação!

A LUTA DOS TRABALHADORES DO CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA

Do Relatório elaborado pela Comissão Coordenadora do Pessoal Africano do Caminho de Ferro de Benguela, após uma visita efectuada ao longo da linha, registamos alguns dos problemas apresentados, individualmente, pelos trabalhadores, em Maio de 1975.

— Dormitório dos guarda-freios do Luso, sem roupas de cama, apenas existem os colchões;

— O dormitório dos agulheiros na Estação do Luso, possui apenas duas camas, só com os colchões sendo insuficientes para o pessoal que trabalha durante a noite, e ainda outros que, por força das circunstâncias têm de aguardar a sua hora de entrar no seu turno de serviço, pois muitos deles possuem as suas casas em pontos afastados do local de trabalho;

— Falta de médicos no Hospital do Luso, tendo-se manifestado o descontentamento de que, o pessoal serventuário, é apenas consultado pelo Enfermeiro Campos, e que o restante pessoal beneficia ainda que deficientemente, de consultas por médicos. Relativamente ao Hospital, ainda foram ventilados os seguintes pontos:

1.º — O pessoal serventuário reclama das diferenças de dietas, pelo que se julgam marginalizados em relação aos seus colegas do quadro executivo;

2.º — O pessoal vigilante do Hospital, reclama a falta de camas, pois são obrigados durante a noite inteira a utilizar uma cadeira, quando reconhecem que poderiam perfeitamente repousar pelo menos o corpo, sem ser em situação de descanso efectivo e despreocupado;

— Todo o pessoal que efectua manobras, reclama do trabalho consecutivo de 8 horas de serviço, sem terem direito a hora para a refeição, não possuindo também um refeitório ou local designado para o efeito, onde possam confeccionar a sua alimentação;

— O pessoal trabalhador, manifestou o seu desgosto, pelo facto de a Companhia ainda continuar a preferir os casamentos de agentes que não casaram pela igreja católica, oivando pura e simplesmente as crenças religiosas de cada empregado, o que em seu entender apenas visa o cercamento de regalias aos familiares naquelas condições, e consequentemente o benefício de privilégios para uma determinada classe ferroviária;

— As trabalhadoras (lavadeiras) de São João, reclamam das condições presentes de trabalho, que

verificadas «in loco», são realmente deficientes, com a agravante de ali existirem máquinas de lavar há bastante tempo, que não estão em funcionamento, por falta, salvo o erro, de instalações para funcionamento das mesmas;

— A enfermaria das mulheres no Luso, é imprópria de um Hospital como o do CFB, resumindo-se a mesma num quarto com cerca de 30 m², onde normalmente o internamento envolve cerca de uma dezena de famílias, com o inconveniente de não possuir instalações sanitárias conjuntas, o que torna muito mais difícil as condições de tratamento, que humanamente se pode e deve exigir para todos os doentes. Por outro lado, há toda a conveniência em se proteger a referida enfermaria, para se evitar a presença de estranhos e mesmo de familiares, que no sistema actual, facilmente se intrometem na mesma, originando situações não condizentes com o fim a que se destina a referida enfermaria;

— O pessoal da revisão do Luso, lamenta-se, que, durante o período de serviço, não tenham um refeitório onde possam tomar as suas refeições, uma vez que normalmente não se ausentam do local de trabalho para o fazer, tendo-se verificado que os mesmos confeccionam as suas refeições no chão de terra batida, onde debaixo de uma árvore, as tomam. Por outro lado, existe o inconveniente chocante de não possuírem sanitários, o que resultou numa manifestação de protesto contra os seus Chefes, posição de choque a que aliás estão alheios, pelo facto de e mdevido tempo, terem alertado os seus Superiores hierárquicos, sobre o assunto, conforme documento n.º 1 (em anexo);

— Fomos alertados igualmente, contra o facto de alguns agentes, desempenhando funções de responsabilidade, possuírem categorias baixas, alguns deles com permanência longa nas categorias actuais o que origina um ambiente de mau estar e insatisfação que, se faz sentir intensivamente na vivência do dia a dia dos Chefes e seus subordinados.

INQUÉRITO NA «SOFANCO»

(Continuação das páginas centrais)
defendiam os interesses dos trabalhadores.

V. T. — Quais são as dificuldades que teve essa Comissão fantoche?

C. T. — Não defendia os interesses dos trabalhadores, os trabalhadores ganhavam 3 500\$00, quando os trabalhadores pediram aumento, esta Comissão não se interessou por tal assunto.

V. T. — Qual a situação económica actual dos trabalhadores?

C. T. — Os trabalhadores estão divididos por sectores de trabalho — uns ganham actualmente 3.750\$00, outros 4.000\$00 e outros 4.050\$00.

V. T. — Quais são as dificuldades da empresa, para funcionar?

C. T. — Há falta de motoristas para cobrir certas zonas onde temos clientes; já fizemos vários pedidos à entidade patronal para arranjar motoristas, mas eles não ligaram.

V. T. — Quem está a dirigir a Fábrica?

C. T. — São os operários, a comissão dos trabalhadores e a administração.

V. T. — Houve fuga de técnicos nesta Fábrica?

C. T. — Houve. Um destes era electricista que fugiu, mas já regressou e agora o problema principal é a fuga dos mecânicos.

V. T. — Como os trabalhadores têm encarado a justa palavra de ordem «PRODUZIR E RESISTIR?».

C. T. — A Comissão tem respondido à justa palavra de ordem e tem tentado que os traba-

lhadores respondam a esta palavra de ordem porque sem produzirmos não podemos comer nem os Camaradas da FAPLA podem combater o inimigo.

V. T. — Que pensa do jornal «A VOZ DO TRABALHADOR»?

C. T. — Foi pela primeira vez que recebemos o jornal. Achemos estranho recebermos um número pequeno, e quase todos os trabalhadores andavam à procura do jornal. Apelamos para que nos mandem mais jornais do próximo número.

V. T. — Os Camaradas querem deixar algumas palavras aos trabalhadores desta Fábrica em particular e de Angola em geral?

C. T. — Estamos gratos por nos terem visitado, e devido às dificuldades que atravessamos pedimos aos trabalhadores que respondam à palavra de ordem: «PRODUZIR E RESISTIR».

CULTURA POPULAR

A Noite ainda caminhava em passos pequenos e poucos e já o Sol vinha vindo, tentando romper no meio das folhas largas da floresta alta que oprimia o Povo.

Cá em baixo, no capim rasteiro o Povo estendia-se molhado com as barrigas de fome atiradas ali à vista de todos. As crianças brincavam com as barrigas de fome, fazendo gordos umbigos cheinhos de hérnia. Os velhos riam-se por entre os dentes esquecidos de mastigar e as mulheres levemente baixavam o olhar, de manso coçando a sarna antiga na ponta dos pés já tanto tortos. Os homens de lanças quebradas conversavam com as bitacaias espantadas, perguntando aonde haviam de ir comer, aonde? E os mutilados da guerra jaziam no chão, como plantas plantados no chão, como plantas vivendo, saudade de Nzinga Nbandi, Ngola Kiluanji, Mandume e os valerosos sobas Mbalundu.

O Sol tentava romper, devagar, com custo devagar, derretendo a Noite para trás dos tempos. Já o Povo não podia esperar mais, as línguas recusando-se a mexer, querendo secar, ressecar e ali deitarem-se, como mortas, que elas também tinham o direito de morrer. As línguas, essas mesmas. Não mais falar, não mais chorar, não mais pedir, não mais cuspir de nojo no chão, sequer.

E os homens: Resistel E as crianças: Resistel E as mulheres: Resistel Resistel Resistel

Para quê esperar, não vale mais esperar. Todos têm o direito de morrer, a começar pelas nossas línguas, a começar por elas, afinal, elas que falam, que reclamam.

E o Povo todo: Resistel

E o Sol tenta romper, por entre mil noites de ofensas.

A Noite gozava seus últimos passos na imensa terra angolana.

O Sol tenta romper e o Povo não podia esperar mais, o Povo que luta, que treme, que avança, que cai e cai e avança. E iam ficando homens sem língua, mulheres sem olhos, crianças sem gostos. Para não sofrer, que o sofrer tem que ser iludido também.

Foi então que um Sol negro-rubro se levantou como um Kiama e com força deitou a sua poeira doirada saída duma estrela amarela. A sua poeira em impulsos leves, ritmados, logo mais ondulantes, vigorosos, torcendo-se fortes, nervosos,



CANÇÃO DO ORVALHO DA POEIRA DO SOL

em línguas de fogo amarelo sobre a terra negra africana.

E da poeira doirada do Sol, pequenas estrelas e grandes, com força cada vez mais desprenderam o seu orvalho. Da poeira doirada do Sol, uma gota pequena, leve e leve pelas folhas, leve e leve pela luz, descendo até ao capim. No capim está o Povo. De rastos, que quinhentos anos é carga pesada.

O orvalho da poeira do Sol, do Povo no Poder, do Poder

Popular, da Classe Operária, Classe Camponesa, quem tem medo das classes? Quem disse que na nossa terra não tem classes, quem disse que isso é importado, quem?

O orvalho da poeira do Sol, uma gota pequena depois lagoa, como a Verdade descendo no Povo, em bagos frescos e muito frescos molhando a língua, que ela não pode morrer. Quando não pudermos mais falar, que será de nós, que será?

Já o Sol entrava triunfante por entre a floresta densa que apertava o Povo resistindo.

E o Povo, esse erguia-se sobre os joelhos magros olhando em frente, sorrindo para o orvalho fresco na madrugada que começava.

Liberdade para todos, liberdade na poeira do Sol, no riso das crianças, nas flores que despontam, liberdade no capim que cresce com o Povo no Poder.

BENÉDIA